

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Teremos Sempre Michael Curtiz (Parte I)
10 de Fevereiro de 2025

THE THIRD DEGREE / 1926

“O Circo da Morte”

um filme de MICHAEL CURTIZ

Realização: Michael Curtiz *Argumento:* Graham Baker, a partir de uma peça de Charles Klein *Fotografia:* Hal Mohr *Montagem:* Clarence Kolster *Interpretação:* Dolores Costello (Annie Daly), Louise Dresser (Alicia Daly), Rockliffe Fellowes (Underwood), Jason Robards (Howard Jeffries Jr.), Kate Price (Mrs. Chubb), Tom Santschi (Daredevil Daley), Harry Todd (Mr. Chubb), Mary Louise Miller (Annie, em criança), Michael Vavitch (Clinton, Chefe dos detectives), David Torrence (Howard Jeffries Sr.), Fred Kelsey.

Produção: Warner Bros. *Cópia:* em 35 mm, preto e branco, 100', mudo, a 20 imagens por segundo, com intertítulos em inglês e legendagem eletrónica em português / *Estreia Mundial:* 25 de Dezembro de 1926, Estados Unidos / Primeira apresentação na Cinemateca.

com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

Este é o primeiro filme realizado por Michael Curtiz (1886-1962) nos Estados Unidos depois do cineasta de origem húngara ter sido convidado pela Warner Bros. para fazer parte da sua equipa. Curtiz, com cerca de quarenta anos na altura, seria o garante de muitos trabalhos futuros da produtora, colaborando com a Warner durante vários anos, onde realizou filmes como **As Aventuras de Robin dos Bosques** (1938), **Casablanca** (1942, pelo qual ganhou um Óscar de Melhor Realizador) ou **Mildred Pierce** (1945).

Protagonizado por Dolores Costello, **The Third Degree** baseia-se numa peça de sucesso de 1909 com o mesmo nome, escrita por Charles Klein, e que esteve bastante tempo na Broadway. A peça de Klein havia sido anteriormente utilizada como base para um filme de 1913, realizado por Barry O'Neil e protagonizado por Gaston Bell e Robert Dunbar, e um filme de 1919, realizado por Tom Terris e protagonizado por Alice Joyce e Gladden James. Os filmes de 1913 e 1919 foram também intitulados **The Third Degree**.

Trata-se de um melodrama ambientado no meio circense. Uma artista de circo foge com o amante, Underwood, e abandona a filha pequena. Quinze anos depois esta torna-se uma célebre trapezista e casa-se com um jovem milionário. O pai deste expulsa-o de casa e paga ao mesmo Underwood para os separar. No meio de muitas peripécias e de voltas e reviravoltas no argumento, o jovem Howard Jeffries Jr. é injustamente acusado de um homicídio, antes da situação se esclarecer. Howard confessa o crime, mas é salvo por Anne.

Os cenários circenses permitem a Curtiz realizar algumas sequências espetaculares, como um acidente de mota e um impressionante salto de trampolim. Noutra registo, na sequência em que o milionário é interrogado pela polícia, também consegue efeitos impressionantes com o trabalho da luz. Curtiz usa e abusa também aqui das sobreimpressões, conseguindo resultados inesperados. Pensemos na sequência em vemos as várias atracções do circo em simultâneo que se transformam umas nas outras através de virtuosos fundidos, ou na belíssima sequência em que o protagonista procura emprego, sobrepondo-se os vários cenários e escadarias que atravessa. Do mesmo modo, os cenários de Coney Island são propícios para a exploração das modernas luzes da cidade, que brilham pela noite dentro em admiráveis composições. Um bom exemplo da maturidade que atingira o cinema em meados dos anos 20.

Sem grandes estrelas, corresponde a um período em que a Warner não estava particularmente abonada, mas os resultados são impressionantes. Curtiz tinha um verdadeiro talento para a iluminação e para a câmara, como percebemos por este filme, que prima pela composição.

É também sabido que a Warner Bros. costumava colocar números musicais como prelúdio do filme de modo a poder exhibir o seu novo sistema de som, o Vitaphone. Hoje teremos acompanhamento ao piano num filme raro, a descobrir.

Joana Ascensão